

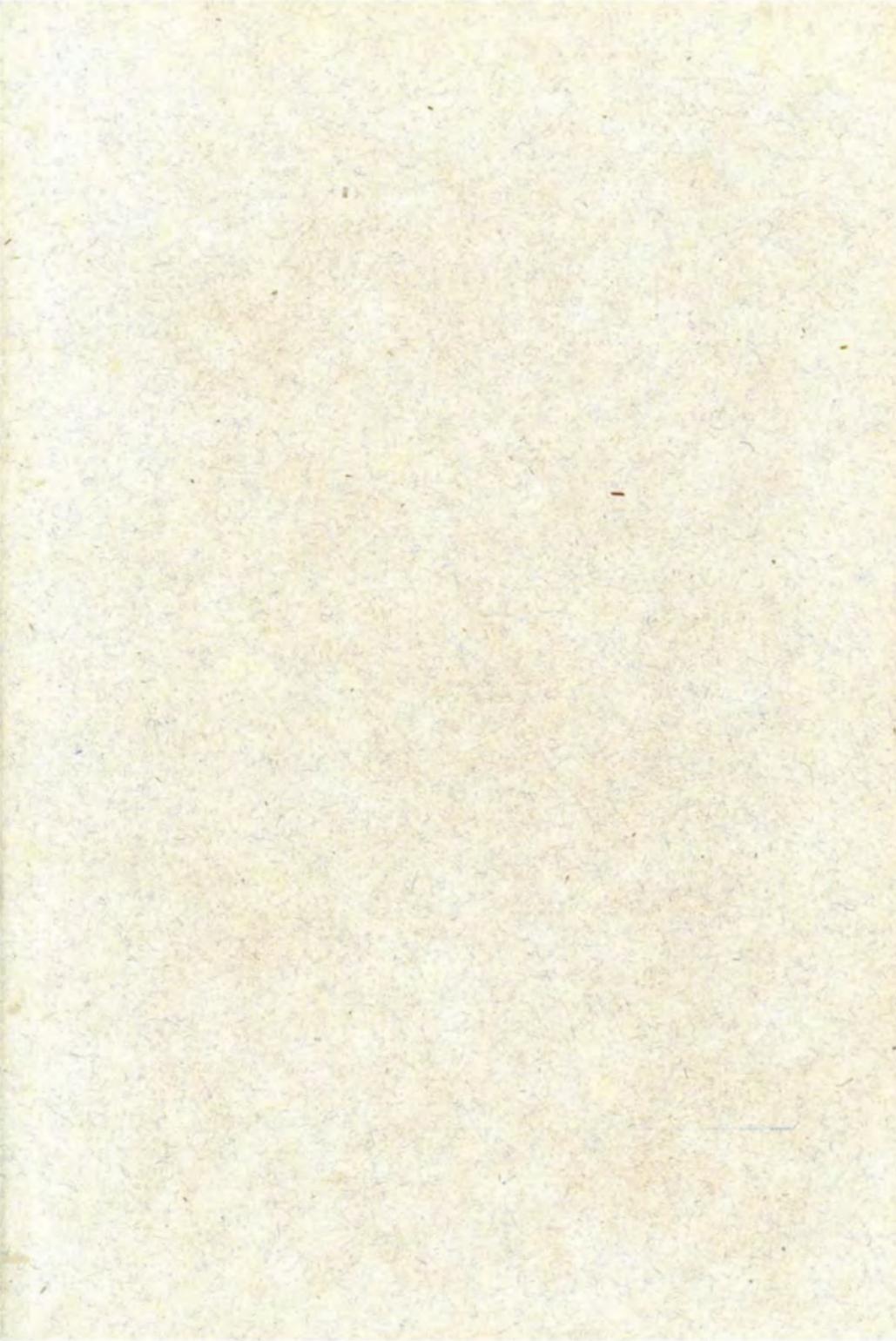
AOS MUTILADOS DE SACAVEM

TECA

14

M. R. B. P.





OS MUTILADOS DE SACAVEM

OS

OFFICIAES

DO SEU

REGIMENTO





AOS
MUTILADOS
DE
SACAVEM

Os

Officiaes do seu Regimento

REG. N.º 48

Ref n.º 7244

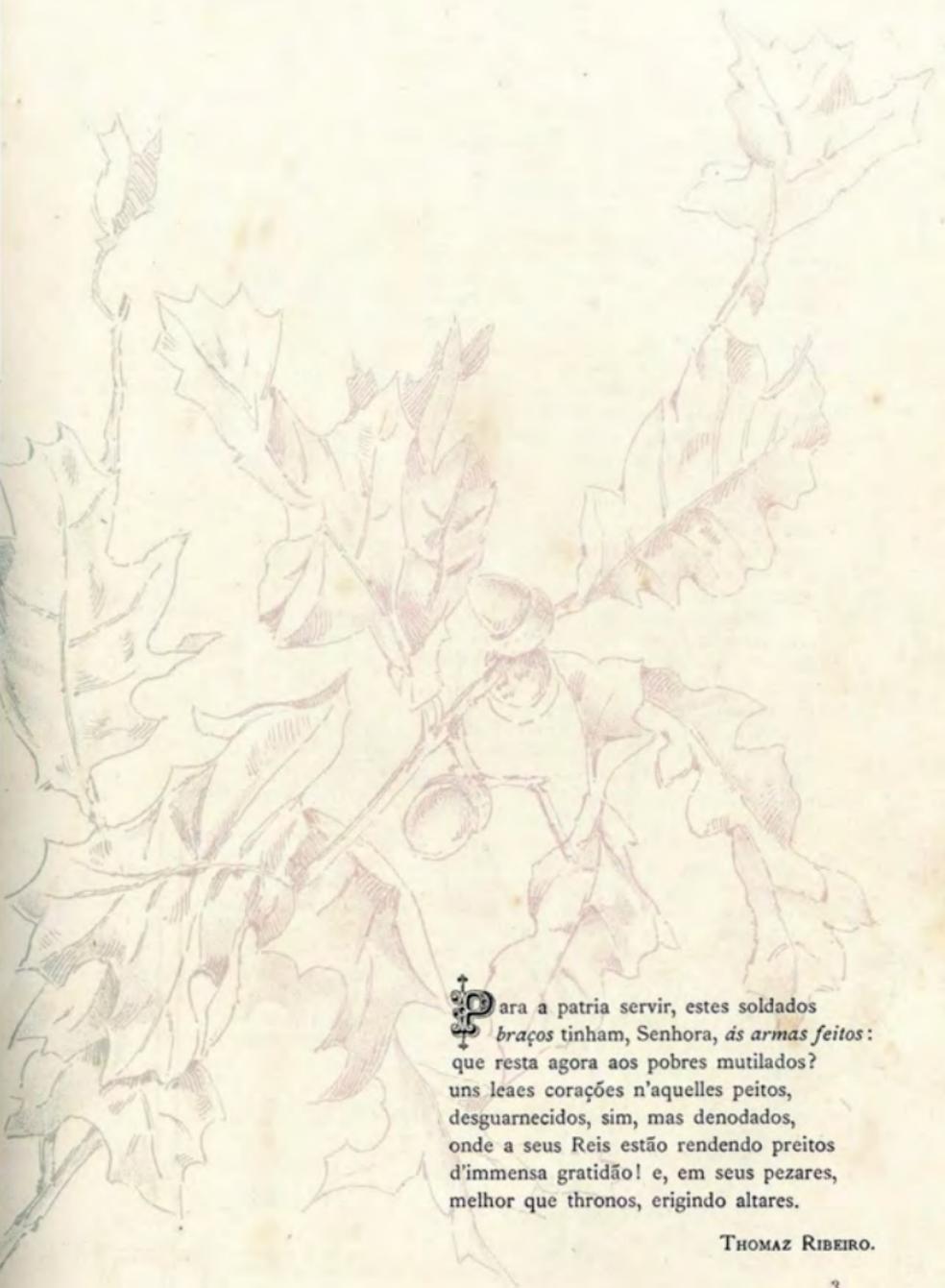
1886

Lithographia Guedes



Typographia Castro Irmão

LISBOA



Para a patria servir, estes soldados
braços tinham, Senhora, *ás armas feitos* :
que resta agora aos pobres mutilados?
uns leaes corações n'aquelles peitos,
desguarnecidos, sim, mas denodados,
onde a seus Reis estão rendendo preitos
d'immensa gratidão! e, em seus pezares,
melhor que thronos, erigindo altares.

THOMAZ RIBEIRO.



Em todos os labores da vida está o homem sujeito a ser victima de um desastre, que o reduza á indigencia. Porém todos podem, ainda que nem todos devam, eximir-se de trabalhos mais ou menos arriscados, bem como, no desempenho d'elles, prevenir-se das cautelas, que a prudencia aconselha, procurar auxilios e ajuda, escolher occasião, conjurar enfim quanto possivel os perigos que o ameaçam; menos o soldado—esse nunca. Recebida a ordem, ha de cumpril-a sem hesitar, sem reflectir, ainda mesmo tendo a certeza de no desempenho d'ella encontrar a morte.

E ao passo que todos trabalham em proprio proveito, o soldado trabalha para todos, pondo, não só as suas forças, mas o sangue e a vida, com a mais sublime abnegação, ao dispôr da sociedade, para defeza e engrandecimento da Patria.

Qual será pois o infeliz mais digno de commiseração do que o soldado, que no desempenho do seu nobre dever é ferido pela mão da desgraça?

E qual o desgraçado mais sympathico aos corações sensiveis do que aquelle que, para prover á sua sustentação, sem outro recurso, além dos proprios braços, d'elles se vê privado, não podendo por isso dedicar-se a trabalho algum, por meio do qual haja de occorrer á satisfação de suas necessidades tão cruelmente avolumadas pelo infortunio?

Tal é, infelizmente, o misero estado, a que se acham reduzidos os dois soldados d'este regimento, Joaquim Jeronymo e Manuel de Jesus, em consequencia do desastroso e lamentavel acontecimento do dia 19 de maio de 1886.

Alliviar o peso da amargura que lhes assombra a existencia, eis o fim da festa de caridade, iniciada pelos briosos officiaes do regimento, que tenho a honra de commandar, e tão sympathicamente applaudida desde o alto do Throno de nossos Reis até á ultima praça de pret do pundonoroso exercito portuguez; desde as mais elevadas classes da sociedade até ao mais humilde cidadão.

E o profundo pezar, que me opprime, pela infeliz situação d'aquelles dois soldados, só encontra lenitivo no espontaneo e generoso acolhimento, com que Suas Magestades, Suas Altezas Reaes, os Srs. Infantes, o nobre Ministro da Guerra, Commandante da Divisão e demais Generaes, officiaes e officiaes inferiores e praças de pret d'este e dos demais corpos da guarnição d'esta capital, bem como um sem numero de senhoras e cavalheiros, que seria longo enumerar, se dignaram contribuir para tão humanitario commettimento.

A Suas Magestades e Altezas, aos Ex.^{mos} Ministro da Guerra e Commandante da Divisão, a todos os Srs. Generaes e officiaes do exercito e armada, a todas as mais pessoas que se dignaram auxiliar-nos neste empenho, tenho a honra de consignar aqui, da minha parte e em nome dos infelizes mutilados, o meu mais profundo agradecimento.

JOSÉ FERREIRA DA CUNHA JUNIOR.





Em gala está o exercito!
em festas a cidade!
que gloria, que eminencia
acclamam entre jubilos?
—Augusta a Caridade,—
que passa em continencia.

Rei, d'esta patria a grandeza
è ser piedosa e valente;
ser d'este povo, è nobreza;
gloria, è ser Rei *de tal gente*.



Quando uma desgraça enorme
um futuro despedaça,
è bem que saiba a desgraça
que a caridade não dorme.,

Quando uma voz dolorida
chama, implora a humanidade,
saber deve a caridade,
que a gratidão nunca olvida.

THOMAZ RIBEIRO.

A OBEDIENCIA

É um grande heroísmo a obediencia; e quanto maior em tempos, em que tão grandiosa se ostenta a liberdade humana!

Pois não é essa obediencia, ás vezes mais sublime que o commando, a que faz os maiores heroes — aquelles que não sabem que o são? Não é ella quem faz sorrir dos perigos? Não é ella quem idealisa o dever?

Foi a patria buscal-os — a esses infelizes soldados — aos enlevos das aves da aldeia, aos canticos das alvoradas campesinas. Mandou-os servir, sem consciencia do dia de amanhã, nas fileiras dos regimentos, que repousam agora indifferentes sobre as tradições de gloriosas batalhas, mas que podem, n'um dia de provação, ter que honrar esta terra, esta bandeira, este nome, que as nações repetem com entusiasmo ao lerem a epopeia da civilisação ou a historia da redempção humana.

Depois, o dever intimou-lhes que desconhecassem o perigo; e não ha como o perigo para travar rijo esse laço, que se chama — a disciplina.

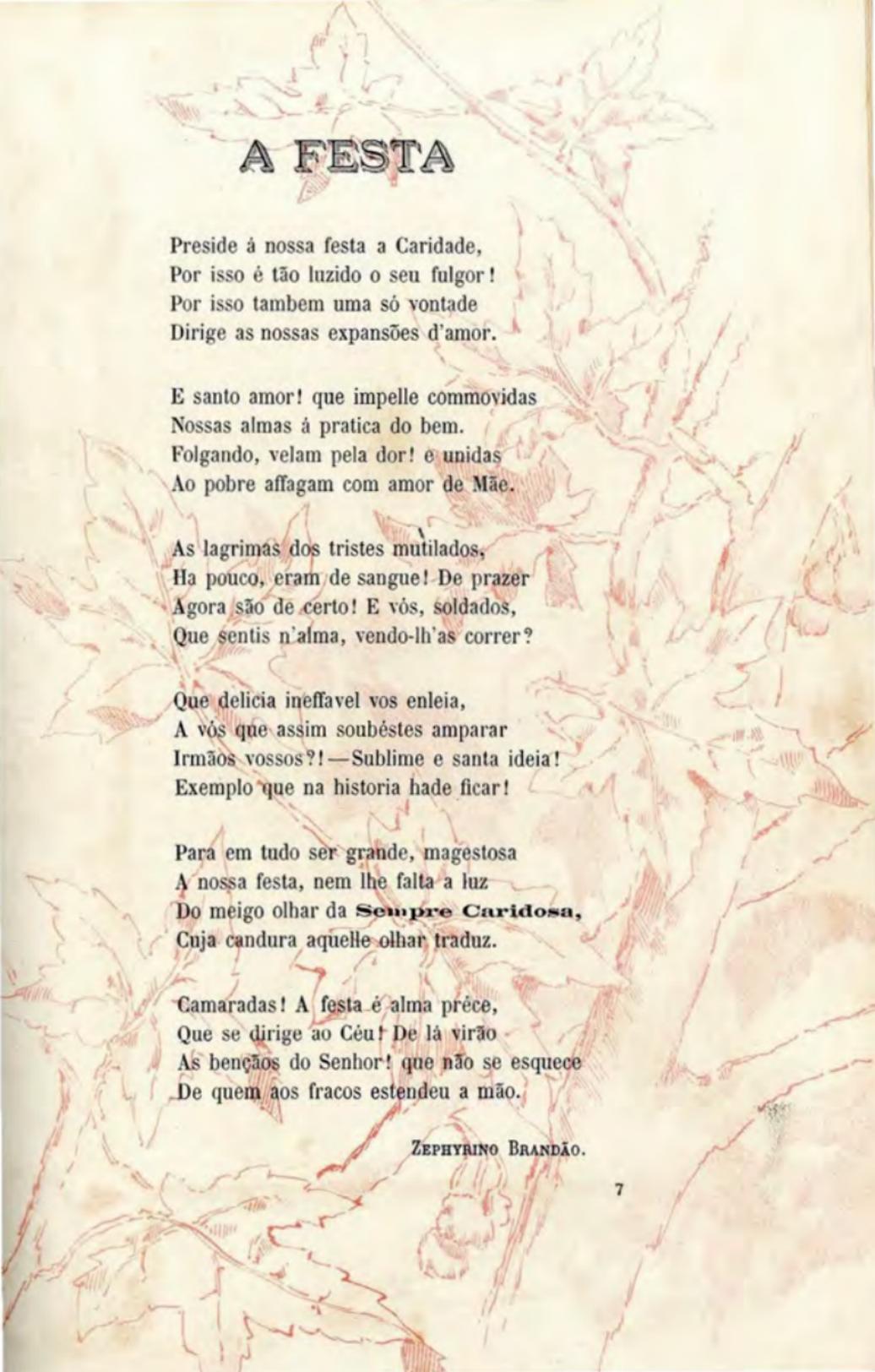
Ás alvoradas risonhas, ao chilrear alegre dos passaros na balseira, aos beijos das mães, chamando ao trabalho, succedem-se os relampagos estonteadores dos canhões, que a candura aldeã jámais entrevira, as mutilações horrorosas, que nunca o carinho materno suspeitára sequer em momentos de aneio pela sorte dos filhos.

O que dizem n'esta hora as mães? como lhes responde a patria? como se glorifica o dever?

Adivinhava-o aquelle sonhador, que se chamou Alfredo de Vigny: — *o exercito é um admiravel livro a consultar para se conhecer a humanidade.*

Consultemos o livro; e mostremos ao povo essas paginas, onde se vive pela gloria, e onde se morre . . . para obedecer!

RODRIGUES DA COSTA.



A FESTA

Preside á nossa festa a Caridade,
Por isso é tão luzido o seu fulgor!
Por isso tambem uma só vontade
Dirige as nossas expansões d'amor.

E santo amor! que impelle commoídas
Nossas almas á pratica do bem.
Folgando, velam pela dor! e unidas
Ao pobre affagam com amor de Mãe.

As lagrimas dos tristes mutilados,
Ha pouco, eram de sangue! De prazer
Agora são de certo! E vós, soldados,
Que sentis n'alma, vendo-lh'as correr?

Que delicia ineffavel vos enleia,
A vós que assim soubéstes amparar
Irmãos vossos?! — Sublime e santa ideia!
Exemplo que na historia hade ficar!

Para em tudo ser grande, magestosa
A nossa festa, nem lhe falta a luz
Do meigo olhar da **Sempre Caridosa**,
Cuja candura aquelle olhar traduz.

Camaradas! A festa é alma prece,
Que se dirige ao Céu! De lá virão
As benções do Senhor! que não se esquece
De quem aos fracos estendeu a mão.

ZEPHYRINO BRANDÃO.

A ENTRADA no meio rígido e por vezes aspero, a que se chama exercito, onde a abnegação deixa de ser uma virtude, para se transformar na obrigação de cada um, onde o sacrificio da vida é um dever, produz nos animos mais alevantados, e até nos corações mais patrioticos, um movimento de receio, uma hesitação momentanea, a que as intelligencias mais solidas e os espiritos mais robustos não conseguem escapar.

É então, que o exemplo das virtudes militares fructifica em nosso espirito, apagando pouco a pouco todos os receios e hesitações, e criando em nós esse grande principio, que é a alma dos exercitos — a camaradagem — flôr de dulcissimos aromas, que, uma vez nascida em nossos corações, jámais, deixa de produzir o balsamo, que suavisa os momentos alanceados da perigosa e nobre senda, que o soldado percorre.

Uma afirmação brilhantissima e espontanea, sincera e simples, leal e devotada, d'esse nobre principio de camaradagem é a festa militar, sem que deixe de exprimir ao mesmo tempo a virtude mais sublime do coração humano.

SILVEIRA.



A INDA mesmo no remanso da paz, ninguem pôde dizer, com verdade, ser a vida militar isenta de perigos.

Não é só nos campos da batalha que os canhões fazem victimas.

Nas occasiões mais solemnes, quando se ouve a artilheria levar bem longe a todos os corações a alegria e o regosijo publico, quantas vezes tudo isso se converte em pungentes lagrimas!

Vejam o que aconteceu aos *Mutilados de Sacavem*, a essas victimas do dever!

A *festa militar*, para a qual concorreram pressurosos, desde os Reis de Portugal até ao mais humilde cidadão, não só minora a triste situação de dois camaradas, nobres soldados do regimento de artilheria 4, como revela e torna bem patente o espirito militar que a promoveu, e a confraternidade de todas as outras classes da sociedade, que a engrandeceram.

V. J. DE PINA VIDAL.



DUAS paginas illustres dos annaes do nosso regimento, ás quaes se vinculam as virtudes do nosso exercito. Hontem, como hoje, se affirmam bem alto, sentimentos de brio e pundonor, principios de disciplina e exemplos de fraternidade militar.

Assim, em 1828 — na emigração da Divisão leal, atravez a Galliza para Inglaterra, — o tenente coronel commandante do regimento d'artilleria n.º 4, José Baptista da Silva Lopes, depois tenente general, Barão de Monte Pedral, salvando as bandeiras do seu regimento, mantem impolluta a honra d'este corpo e os brios do exercito.

E, ao seu lado, eis o depositario, o herdeiro digno d'essas bandeiras, a epopeia viva do quanto pôde a disciplina militar — o bravo regimento d'infanteria n.º 18, — partilhando-se em commum das agruras, das tristezas e dos desenganos do exilio, em prol das liberdades patrias.

Hoje, como hontem, no momento em que essa bandeira resurge para o regimento n.º 4, ahi tendes novamente a grande familia militar a seu lado, na sua mais sublime dedicação fraterna, a inscrever-lhe espontaneamente em letras d'ouro, rendilhadas pelo orvalho das lagrimas de reconhecimento, uma data que, se não representa os viridentes laureis dos campos de batalha, é sem duvida, a expressão intrinseca das virtudes civico-militares que nobilitam e enaltecem o exercito portuguez.

É que nas dobras d'esse labaro se envolvem os corpos mutilados de dois de seus filhos! é que elles — os desgraçados — bradaram-vos commiserção por tanto infortunio: e vós — filhos do exercito — seus irmãos d'armas, accorrestes pressurosos, animados do mais entranhado amor de caridade, a estreitar, d'encontro aos vossos corações generosos e bons, esses pobres soldados e a enxugar-lhes nas dobras d'esse symbolo immaculado das liberdades nacionaes, as lagrimas de dois martyres, que, acorrentados fatalmente ao seu supplicio choram, n'este bello dia, menos as suas lagrimas de dôr do que as de reconhecimento para com o vosso proceder fidalgo; lagrimas sinceras que só um peito de soldado sabe chorar e vos offerecem, camaradas! elles, os mutilados, como recordação de hoje e saudade d'amanhã.

Hoje, como hontem, ahi tendes a exemplificação do que diz bem o coronel Corsi: «La fraternité du drapeau est de toutes les variétés de la camaraderie celle qui, au point de vue militaire, est la plus féconde en effets bienfaisants; c'est le plus précieux auxiliaire de la discipline, et je dirai presque une seconde discipline fondée sur les liens d'affection.»

Honra aos nossos irmãos, ás victimas do dever!

AMILCAR PIRES.

OS MUTILADOS



Elles jazem por terra, inanimés, prostrados,
cerrado o olhar á luz, a vida ao pensamento;
dominando o canhão, por elle fulminados
foram, como n'um soubo, em rapido momento.

Fulminados! mas não da morte do guerreiro
victima do dever, da excitação febril,
que solta, quando cae, um grito derradeiro,
nota perdida ao longe entre outras notas mil.

Foi muito mais que a morte aquelle ferreo laço
que os ligou para sempre á desventura immensa;
foi a dor cujo brado, ecoando pelo espaço,
diz a triste agonia, uma agonia extensa.

Matou-os o canhão, esse que, ha pouco, attento
era ás vozes que, prompto e rapido, extinguiu;
d'elle veiu a desgraça, o frio desalento,
que de um manto de sombra a vida lhes cobriu.

Ó canhão, tu és bello, ao ver-te, de relance,
rodando na montanha alcantilada e nua;
és bello a defender a patria em duro transe,
com valor de quem lucha, e que jámais recua.

És grande, quando, iroso, a vomitar metralha,
fusilas, como o raio além pelo infinito;
és grande, sim, vibrando em campos de batalha,
com teu clamor giganteo e teu enorme grito.

Mas és traíçoeiro, mau, se acaso dás a morte
a quem devias dar a protecção, o alento;
não arcas, peito a peito, em lucta com o forte,
escondes o punhal com refalsado intento.

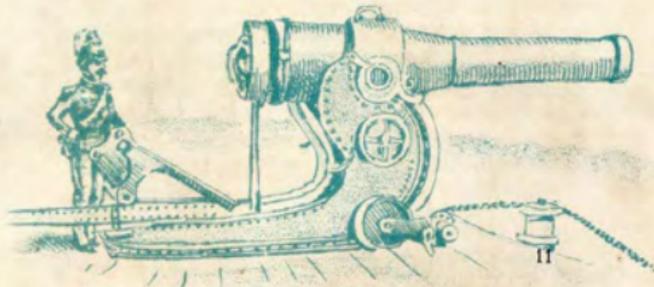
Não és então, não és, o vulto colossal,
que derranca e destroe com pulso adamantino;
em vez de cavalleiro és um villão desleal,
deixas de ser heroe e és um assassino.

*
* *

Mas a dor que desperta as lagrimas dulcissimas,
a ferida que pede um balsamo de Deus,
viram erguer-se, ao lado, umas visões suavissimas
sentiram dar-lhe alento um cantico dos céus.

Irmãos, que vindes dar allivio aos mutilados,
confortar-lhe o martyrio, a pallida agonia,
a vossa esmola é o céu que alenta os desgraçados,
a rosea luz da aurora, a luz que os extasia!

ASSIS DE CARVALHO.



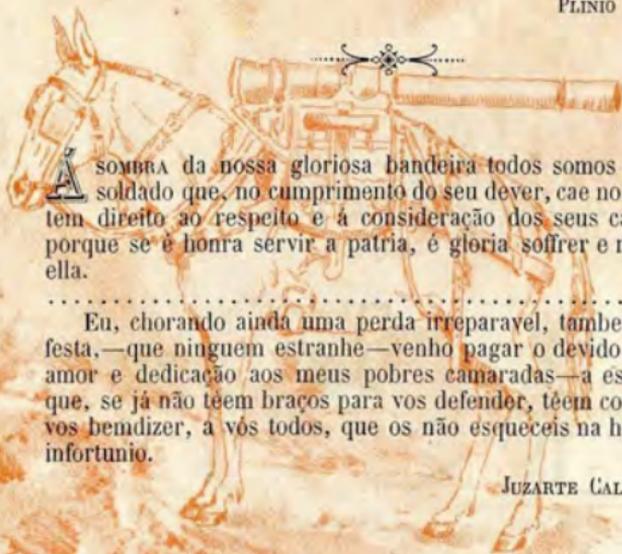
A FRATERNIDADE militar é o sublime laço, franco e indissolúvel, que reúne todos os individuos pertencentes ao exercito, abstraindo cada qual do nascimento, dos meios de fortuna ou do posto, n'uma especie de cordeal intimidade de character inteiramente particular, e que faz do exercito uma familia.

A solidariedade de interesses, a affectuosa cordealidade no commando, as tradições gloriosas da familia militar e um sem numero de factos, fazem do exercito um todo homogeneo, distincto e autonomo no seio da nação.

Como os outros affectos communs, não se traduz a fraternidade militar por phrases mais ou menos sentimentaes, e escapa facilmente aos olhos dos indifferentes; todavia, nas mais rudes provações da vida militar, manifesta-se radiosa e pompeante, por uma permutação nobre e repentina de sacrificios heroicos entre irmãos d'armas, defendendo reciprocamente a existência e a honra.

A fraternidade militar requer apenas que se seja soldado. Não reconhece individuos. Pospõe a familiaridade. Abraça um conjunto indeterminado de homens. Procede como a lei que preside ás formações tacticas. Escapa á influencia dos interesses pessoaes e mesquinhos. Desafia com a espada na mão a maledicencia, os perigos, a morte. Tem um valor intrinseco menos pessoal, porém mais desinteressado. Vive de factos como este que hoje presenciamos, em si bastante significativo, bem philantropico e o mais fecundo que conhecemos na nossa vida militar.

PLINIO PIRES.



A SOMBRA da nossa gloriosa bandeira todos somos eguaes. O soldado que, no cumprimento do seu dever, cae no seu posto, tem direito ao respeito e á consideração dos seus camaradas; porque se é honra servir a patria, é gloria soffrer e morrer por ella.

.....
Eu, chorando aiada uma perda irreparavel, tambem venho á festa,—que ninguem estranhe—venho pagar o devido tributo de amor e dedicacão aos meus pobres camaradas—a esses tristes que, se já não têm braços para vos defender, têm coração para vos bendizer, a vós todos, que os não esqueceis na hora do seu infortunio.

JUZARTE CALDEIRA.



1806

A HISTORIA DO REGIMENTO

TRAÇOS GERAES

1763-1886



OFFICIAL DE ARTILHARIA

- 1763, Maio 10—O marechal conde de Lippe manda organizar o regimento d'artilheria do Porto, o 4.º d'esta arma no exercito portuguez.
- 1794, Maio 1—Defeza da ponte do Ceret, campanha do Roussillon e Catalunha.
- 1794, Novembro 17—Combates das linhas de Figueras.
- 1794, Novembro 27—Defeza de S. Fernando de Figueras.
- 1806, Maio 19—O regimento d'artilheria do Porto passa a ter o numero *quatro* na organisação dos corpos da arma.
- 1808, Agosto 17—Combate da Roliça.
- 1808, Agosto 21—Batalha do Vimeiro.
- 1809, Fevereiro 16—Combate de Caminha.
- 1809, Março 11—Combate de Silveira.
- 1809, Março 12—Defensa de Chaves.
- 1809, Março 15—Combate de Salamonde.
- 1809, Março 16—Combate de Salto.
- 1809, Março 17 a 20—Combate de Carvalho d'Este.
- 1809, Março 20—Assalto de Chaves.
- 1809, Março 23 a 25—Combate da Barca da Trofa.
- 1809, Março 26 a 29—Defensa do Porto.
- 1809, Abril 3 a Maio 9—Passagem do Vouga.
- 1809, Abril 8 e 9—Defensa da Ponte do Lima.



OFFICIAL DE ARTILHERIA



SERVENTE



CONDUTOR

- 1809, Abril 18—Combate de Manhué.
 1809, Abril 18 a Maio 2—Defensa da Ponte d'Amarante.
 1809, Maio 10—Combate d'Albergaria.
 1809, Maio 12—Tomada do Porto.
 1809, Maio 12—Combate de Gatiães.
 1810, Julho 24 a agosto 27—Primeira defesa d'Almeida.
 1810, Agosto 1 a 10—Sitio do Castello de Sanabria.
 1810, Setembro 27—Batalha do Bussaco.
 1810, Setembro 28—Combate do Bussaco.
 1810, Outubro 7—Tomada de Coimbra.
 1810, Outubro 16—Segundo combate de Alhandra.
 1810, Novembro 14—Combate do Pereiro e Gamelas.
 1810, Dezembro 30—Combate de Bemvende.
 1811, Janeiro 5—Combate da Villa da Ponte.
 1811, Janeiro 13 a 15—Combate da Regoa.
 1811, Janeiro 17—Combate da Barca do Pocinho.
 1812, Janeiro 7 a 19—Sitio da Ciudad-Rodrigo.
 1812, Março 16 a Abril 7—Terceiro sitio de Badajoz.
 1812, Abril 3 a 6—Segunda defesa da Praça d'Almeida.
 1812, Agosto 10 a 23—Bloqueio do Castello de Zamora.
 1812, Novembro 18—Combate de S. Vicente d'Alicante.
 1813, Março 13—Batalha de Castalla.
 1813, Junho 3 a 13—Sitio de Tarragona.
 1814, Fevereiro 27 a abril 28—Sitio da Praça de Bayonna.
 1828, Maio 16—Revolução liberal do Porto, em que entra artilheria n.º 4, que depois se dissolve, emigrando parte para a Galliza, e não figurando como regimento constituido depois, durante a guerra civil.
 1837, Janeiro 13—Reorganisação do regimento com quartel em Faro.
 1849, Dezembro 20—Reorganisação da artilheria só em tres regimentos.
 1864, Junho 23—Reorganisação da artilheria e do quarto regimento, de quartel em Lisboa.
 1868, Dezembro 23—Nova reorganisação em 3 regimentos: o quarto é mandado constituir o terceiro.
 1884, Outubro 30—Organisação geral do exercito, sendo creados 5 regimentos d'artilheria, uma brigada de montanha e 4 companhias de garnição. O quartel do regimento d'artilheria n.º 4 é fixado em Lisboa.

São estes os lineamentos geraes, que definem na historia do exercito portuguez a pagina relativa ao seu 4.º regimento d'artilheria.

R. C.

O quadro que estaes presenciando é sublime. A grande familia militar unida, como um só homem, para garantir a dois soldados feridos pela desgraça no cumprimento do seu dever o pão de cada dia. Haverá maior exemplo de fraternidade?! Creio que não.

A uma iniciativa isolada milhares de adherentes. A nobreza de sentimento existia, como sempre, e foi unicamente preciso uma pequena impulsão, para pôr em movimento todos os esforços tendentes a tornar mais imponente e productiva a nossa festa. Que nos resta? A satisfação de sermos os iniciadores e um profundissimo reconhecimento a todos os que cooperaram para a realisarmos.

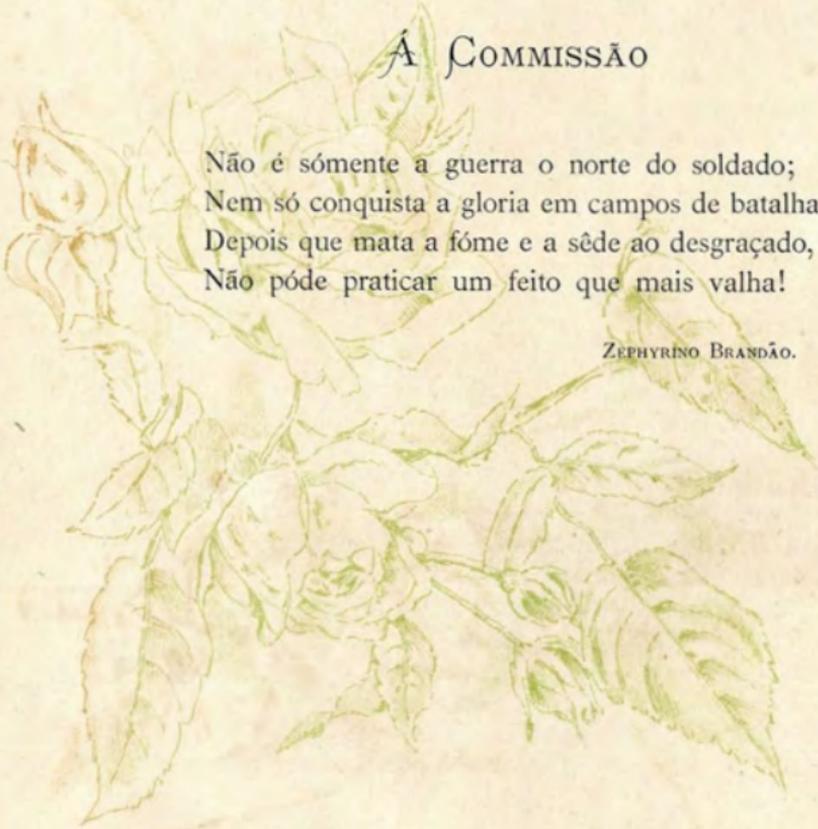
A briosa guarnição de Lisboa, secundando a iniciativa dos seus camaradas de artilheria n.º 4, offercevos esse quadro!

O nosso regimento, cuja historia na guerra da peninsula é das mais gloriosas, teve a fortuna de iniciar as *festas militares*, entre nós, e despertar os nobres sentimentos dos seus camaradas em auxilio de dois infelizes soldados mutilados no serviço da patria. Os successores de José Manuel de Queiroz, de Caetano José Alves e d'outros martyres da patria, comprehendendo as incalculaveis vantagens da cooperação de seus irmãos d'armas, ousaram pedir-lhes o auxilio para a realisação do seu intento, e encontraram a mais franca e leal dedicação. O triumpho brilhante da sua iniciativa é a maior gloria a que podiam aspirar.

Outr'ora os seus antecessores tiveram quem os auxiliasse a combater a invasão estrangeira, hoje a mesma união e boa vontade mitiga a desgraça de dois camaradas.

A carreira das armas, longe de anniquillar a sensibilidade do coração do homem, ainda o torna mais delicado.

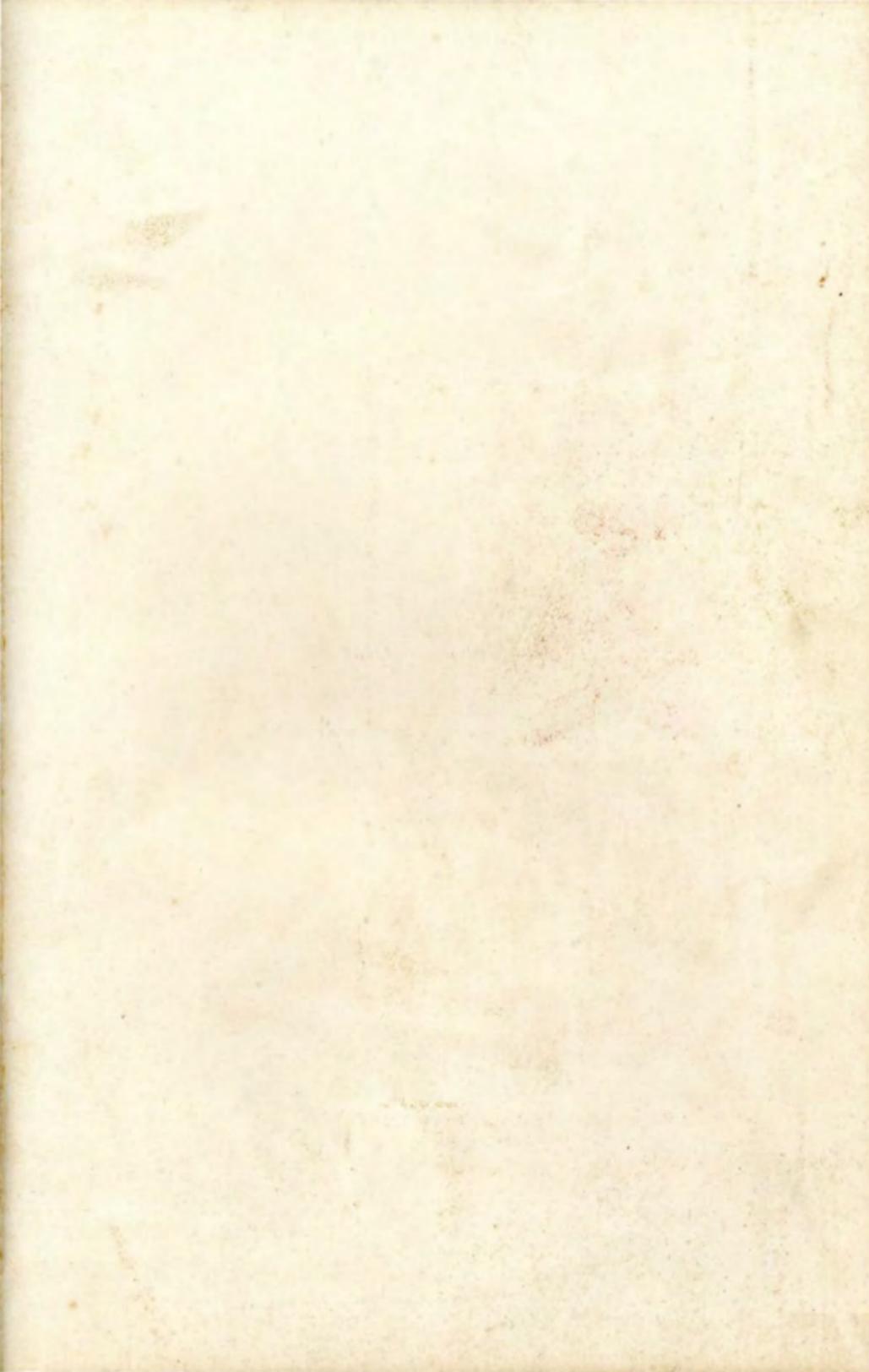
RAMOS DA COSTA.



À COMISSÃO

Não é sómente a guerra o norte do soldado;
Nem só conquista a gloria em campos de batalha.
Depois que mata a fome e a sêde ao desgraçado,
Não póde praticar um feito que mais valha!

ZEPHYRINO BRANDÃO.

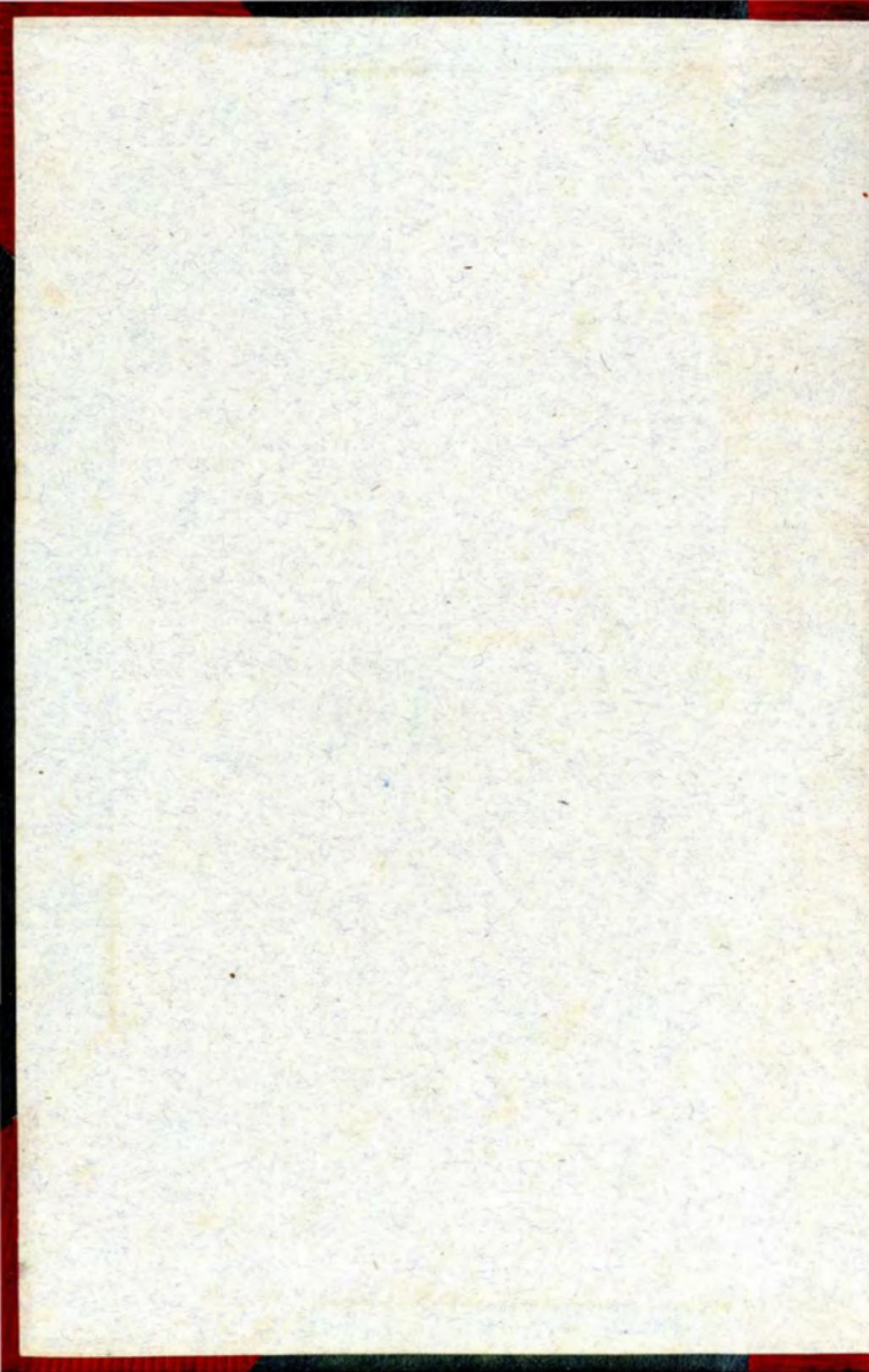




LITHOGRAPHIA
GUEDES

LISBOA





MUSEU
RAFAEL
BORDALO
PINHEIRO

BIB

MON